

João Charulla de Azevedo

UNIVERSIDADE	DE
Av. CS	01.31

Luanda, 29 de Abril de 1966

Exmo. Senhor

CRUZEIRO SEIXAS

Estrada da Ameixoeira, Lote 4-3º Dtº

LISBOA

*Cruzeiro Seixas*

Agradeço a sua carta e o achar-me merecedor das suas confidências. Compreendo perfeitamente que considere intolerável o deixar de se fazer tanto do que poderia ser feito, desde que houvesse boa vontade e compreensão de certo número de entidades. A ideia dum grande museu em Angola, essa por exemplo, emploga-me. Por diversos motivos penso que esta é uma das raras terras do Mundo, onde poderia erguer-se uma obra dessas natureza e de grande volume, com relativa facilidade. Infelizmente já não disponho de capacidade física para me lançar a dinamizar uma ideia tão grande. Pelo menos de momento, encontro-me excessivamente tapado pelos problemas novos em que me envolvi e pela actividade intensa e dispersa a que sou obrigado.

Estou, no entanto, inteiramente ao seu dispor, para o caso de poder prestar qualquer cooperação.

Já agora: consegui um exemplar de "A Cidade Queimada" e permita que o felicite muito sinceramente.

Os cumprimentos, do

*João Azevedo*

JCA/MS/419/66



7-5-66

*Carissimo*



**C. C. A.**  
C. P. 1325  
LUANDA

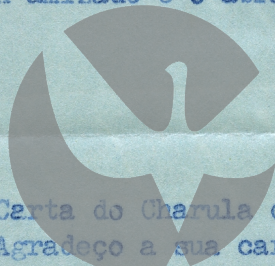
Recebi apenas ha uns 5 dias resposta do Charula de que lhe envio uma copia.

Tenho esperado carta sua dando parte do que se passa com os requerimentos que mandei — mas concordo que deve ainda estar cansado da sua ultima carta — e de mim com tantos pedidos.

Perante a carta do Charula nao quero ser muito extenso; pergunto lhe apenas:

- 1º Houve ou nao houve um mal entendido da sua parte?
- 2º Era ou nao clarissima a carta que escrevi ao dito Senhor? Por que me responde entao em chines? Por que nao tem quasi nada a ver com a carta que escrevi a que recebi?
- 3º Sera de insistir pedindo esclarecimento? Sera antes de esclarecer mais a minha situacao presente e as minhas propostas?
- 4º Sera de esperar agora, pacientemente, depois de lançada a semente?
- 5º e esse "meu" lugar nao estara ja preenchido como é vulgar entre nos por alguem que nao se interesse nada por museologia por pintura etc etc etc que seja situacionista, ou nao situacionista á maneira por exemplo do Vinhas?

Enfim carissimo, responda se puder e quizer a esta ladainha infeliz.  
A amizade e o abraço aqui estao do



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

Carta do Charula de 20-4-66.

Agradeço a sua carta e o achar me merecedor das suas confidencias. Compreendo perfeitamente que considere intoleravel o deixar de se fazer tanto do que poderia ser feito, desde que houvesse boa vontade e compreensao de certo numero de entidades. A ideia de um grande museu em Angola, essa por exemplo empolga-me. Por diversos motivos penso que esta é uma das raras terras do Mundo onde poderia erguer-se uma obra dessa natureza e de grande volume, com relativa facilidade. Infelizmente ja nao disponho de capacidade fisica para me lançar a dinamizar uma ideia tao grande. Pelo menos de momento encontro me excessivamente tapado pelos problemas ncvos em que me envolvi, e pela actividade intensa e dispersa a que sou obrigado.

Estou no entanto inteiramente ao seu dispor, para o caso de poder prestar qualquer cooperacao.

Consegui um exemplar da Cidade Queimada, e permita que o felicite muito sinceramente.

Cumprimentos etc etc

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.31.01



*Correspondência*

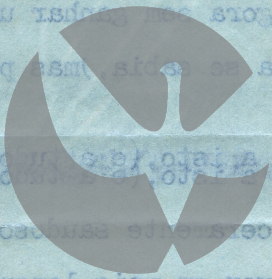
*Para o Senhor Fernando*

*21-2-66*

31.5.66



C.C.A.  
C.R. 1923  
LUANDA



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
Arquivo 10 01-31-66



Do Charula e para o  
Charula, do Carlos Fernandes  
e para o Carlos Fernandes



sobre o tal Museu em Angola

Exmo. Senhor,

CRUZEIRO SEIXAS

Estrada da Ameixoeira, Lote 4-3º Dtº

LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE EVORA



João Charulla de Azevedo

João



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA



Carta de Augusto

Por um amigo, o Carlos Fernandes, tive conhecimento de que, á volta de um facto verdadeiramente extraordinário e porque desde ha muito me interesse, o do nascimento de um Museu de Arte Moderna, vivo, em Angola, nos poderíamos encontrar, depois de tantos anos de desencontro.

A tarefa de ajudar a crear esse Museu seria, só por si, razão suficiente para esta carta. Ha no entanto outras, talvez mais pessoais, mas que julgo de meu dever lembrar neste nosso primeiro contacto.

A primeira é um certo grau de inadaptação á Europa, depois de quatorze anos de consecutiva permanencia em Africa. A segunda, é a soma de impossibilidades, e decepções, que tem coroadado este regresso. Estou aqui já ha quasi dois anos, entre amigos igualmente rodeados de impossibilidades e decepções. O que neste já longo espaço de tempo consegui realizar, velho desejo de ha muitos e muitos anos, um livro do Mario Cesariny e meu, "A Cidade Queimada", não é mais do que uma parte do que temos que guardar em projecto, por outros muitos e muitos anos. Isto é já difficilimo quando se passou os quarenta.

Ha no entanto projectos que, (ainda) espero realizar este ano; uma exposição minha, e a edição de um album com reproduções e um estudo, a sair na Ulisseia, de que lhe falo mesmo assim para fazer sentir melhor quanto seria extraordinário para mim poder enfim realizar algo com as possibilidades as certezas e a grandeza que me sugere o Carlos Fernandes.

Nesta lista de razões mais ou menos positivas e negativas acho que nao devo deixar de dizer que de Angola regresssei desesperado, entre outras razões porque o meu trabalho do Museu de Angola não teve o apoio de que precisava. Pouco mais afinal aí consegui do que um contacto esse sim, feliz, com a museologia, que foi para mim uma revelação, a esperança de uma porta possível. O que consegui realizar no Museu de Angola pareceu-me muito pouco, e em desproporção nítida com o trabalho que tive para o realizar. Diversas pessoas poderão testemunhar o que aí trabalhei, desde pregar pregos até escrever relatórios sobre relatórios em que pedia o mínimo necessário para fazer um Museu que não nos envergonhasse, ou ao menos se salvasse o que ia encontrando ao acaso dos montes de lixo. O silencio que respondia aos meus esforços, e que me desesperava, não era afinal fenómeno local, como eu quiz acreditar. Vim encontrar aqui silencios e factos se possível mais desesperadores, como por exemplo numa exposição de documentos fundamentais da Torre do Tombo, um deles, (Instrumento da Aclamação de D. João I em Coimbra", de 1385, preso, (furado!) com um pionaize, ou na Sociedade de Geografia, recém remodelada, uma figura em latão, do Benin, exposta com um saio, para lhe tapar o sexo...

Falando ainda mais directamente de mim, expor-lhe-ei a situação em que me acho, tendo terminado as mesadas que estava a receber pela venda da minha colecção etnográfica á "Cucca". Tenho minha Mãe a meu cargo, e assim que manter uma certa estabilidade. Não é sem grande prejuizo para uma actividade mais profunda que estou a deitar mão de coisas casuais, para nos mantermos presentemente.

Gostaria de entrar, agora, na discussão das propostas que me vem por intermédio do Carlos Fernandes, mas julgo que devo esperar uma confirmação sua. Direi no entanto que, desde já, aceitaria o necessário para frequentar aqui cursos de ingles e de italiano, que me parecem essenciais que me parecem linguas essenciais para um estudo mais aprofundado da museologia. E igualmente, e em lógico resultado desta aprendizagem, me parece de aconselhar a aquisição de livros e revistas, sobre esta nova ciencia. Depois seria ainda necessária uma viagem de estudo a diversos museus europeus.

E quanto á aquisição de obras? Um amigo, regressado ha pouco de Londres, deu-me desalentada notícia de uma galeria, (com que ficou em contacto,) que possui, a preço acessível, alguns quadros de Sónia Delaunay, justamente alguns dos feitos em Portugal aí por 1915, e guardando títulos portugueses. É evidente que, por dupla razão interessaria muito adquirilos para um museu nosso.



E, para terminar, esclareço: os mezes de estudo que proponho, seriam impraticaveis tendo que manter esta luta para nos mantermos. É evidente tambem que não disponho do necessário para um regresso a Angola com minha Mãe e o que possuímos.

Acho que seria do maior interesse um encontro entre nós, aí ou aqui; ha muito a dizer porque o assunto é complexo—apaixonante. Julgo que será entre nós uma probabilidade quasi única para se realizar algo realmente a sério. Para isso estou completamente á vossa disposição.

Os cumprimentos do,



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

01.31.03



Em 17.4.66, para o Charula de Azevedo:

Por um Amigo, o Carlos Fernandes, tive conhecimento de que, á volta dum facto verdadeiramente extraordinário e por que muito desde ha muito me interessa, o do nascimento de um Museu de Arte Moderna, vivo, em Angola, nos poderíamos encontrar, depois de tantos anos de desencontro.

A tarefa de ajudar a crear esse museu seria, só por si, razão suficiente para esta carta. Ha no entanto outras talvez mais pessoais mas que devo aqui esplanar.

A primeira é um certo grau de inadaptação á Europa, depois de quatorze anos de consecutiva permanencia em Africa. A segunda a soma de impossibilidades e decepções que tem coroadado este regresso. Estou aqui ja ha quasi dois anos entre amigos tao rodeados de impossibilidades e decepções como eu.

O que neste longo espaço de tempo consegui realizar velho desejo de ha muitos e muitos anos, (um livro do Mario Cesariny e meu, "A Cidade Queimada"), não é mais do que uma parte do que temos que guardar em projecto por outros muitos e muitos anos. Isso é ja muito dificil quando se passou dos quarenta.

Ha projectos que (vagamente,) espero realizar ainda este ano; uma exposição minha, e um album com reproduções e um estudo sobre a minha obra, na Ulisseia, de que lhe falo mesmo assim em risco de nao se possibilitarem para fazer sentir quanto seria extraordinario para mim o facto de poder realizar algo enfim com as possibilidades e a grandeza que me sugere o Carlos Fernandes.

Devo dizer ainda que de Angola regresssei algo desesperado: entre outras razoes porque o meu trabalho no Museu de Angola pouco mais me possibilitou do que um contacto com as coisas da museologia que para mim foi uma autentica revelação. O que consegui efectivar pareceu-me pouco e principalmente o trabalho que tive para o realizar em desproporção nitida com o que ao fim realizei. Diversas pessoas puderam testemunhar o que ai trabalhei desde pregar pregos a escrever relatorios sobre relatorios em que pedia o minimo necessario para se fazer um museu que nao nos envergonhasse ou pelo menos se dispusesse do suficiente (moral e materialmente) para se salvar o que por la ia encontrando ao acaso dos montes de lixo.

O silencio que respondia aos meus esforços e que me desesperava não era afinal fenomeno local como eu quiz querer. Vim encontrar aqui silencias e coisas mais desesperadoras como por exemplo numa exposição de documentos fundamentais da Torre do Tombo um deles, ("Instrumento da Aclamação de D. Joao I em Coimbra em 1385") preso, (furado com um pionaie...)

Falando ainda mais directamente de mim expor-lhe a situação em que me acho tendo terminado as mesas que estava a receber pela venda da minha colecção etnografica. Tenho minha mãe a meu cargo e assim que conseguir uma certa estabilidade. Não é sem grande prejuizo para uma actividade mais profunda que estou a deitar mão de coisas casuais para nos mantermos.

Gostaria de entrar agora na discussao das propostas que me vem por intermedio do Carlos Fernandes; julgo no entanto que deverei esperar uma confirmação sua.

Direi no entanto que desde ja aceitaria o necessario para frequentar aqui cursos de ingles e de italiano que me parecem essenciais para um estudo mais aprofundado da museologia. Igualmente e em logico resultado desta aprendizagem me parece de aconselhar a aquisição de livros e revistas sobre esta ciencia.

Depois seria ainda necessaria uma viagem de estudo a diversos museus europeus.

Repito-o, estes mezes de estudo seriam impraticaveis ~~mantendo~~ mantendo a presente luta para conseguir o minimo necessario para viver.

É evidente tambem que nao disponho do necessario para uma viagem de regresso com minha mãe e com ~~o~~ o quadro fal aquilo que lhe é indispensavel.

Seria realmente interessante um encontro entre nos ai ou aquie tanto mais repito-o que o assunto é para mim apaixonante em si e mais ainda porque sera entre nos uma probabilidade unica de se realizar algo realmente a serio.